

JEROME K. JEROME

**TUDO O QUE
NÃO PRECISA
DE SABER
SOBRE A VIDA**

Tradução de
Francisco Silva Pereira

Ao
Muito querido e estimado amigo
Dos meus dias bons e maus...

Ao amigo
Que, embora por vezes de mim discordasse
Nos primeiros tempos do nosso conhecimento,
Veio a ser o meu mais caloroso companheiro...

Ao amigo
Que, por muito que eu o contrarie,
Nunca se deixa consumir pelas chamas da ira...

Ao amigo
Que, tratado com nítida frieza por todas as mulheres
da minha família,
E olhado com desconfiança pelo meu próprio cão,
Parece cada dia mais iluminado pela minha companhia,
E em troca me impregna cada vez mais com
O aroma da sua amizade...

Ao amigo
Que nunca me aponta os defeitos,
Nunca me quer pedir dinheiro
E nunca fala de si...

Ao companheiro
Das minhas horas d'ócio, calmante das minhas mágoas,
Confidente das minhas alegrias e esperanças...

Ao
Meu mais antigo e robusto
Cachimbo,

Dedico
Com gratidão e carinho
Este pequeno livro.

PREFÁCIO

Tendo um ou dois amigos a quem mostrei o manuscrito destes textos considerado que os ditos não estavam mal de todo, e tendo alguns dos meus parentes prometido comprar o livro se ele um dia fosse editado, sinto que não tenho o direito de adiar a sua publicação. Não fosse esta exigência do público, por assim dizer, talvez não me tivesse aventurado a oferecer estes singelos pensamentos como alimento mental a todos os povos da Terra. O que os leitores esperam atualmente de um livro é que ele os melhore, instrua e lhes eleve o espírito. Este livro não elevaria sequer o espírito de uma vaca. Não posso, em toda a consciência, recomendá-lo como sendo possuidor de qualquer utilidade. Tudo o que posso sugerir é que o leitor, tendo-se cansado de ler «os cem melhores livros de sempre», passe uma meia hora do seu tempo com este. Não voltará a ser o mesmo.

O ócio

Ora, este é um tema a respeito do qual me gabo de estar realmente *au fait*. O cavalheiro que, quando eu era novo, me banhava na pia batismal da sabedoria por nove guinéus ao semestre — sem extras — costumava dizer que nunca tinha conhecido um menino capaz de fazer menos trabalho em mais tempo; e recorro-me de a minha pobre avó certa vez observar por acaso, durante uma lição sobre o uso do *Livro de Orações*, que era extremamente improvável que eu alguma vez fizesse algo que não devesse fazer, mas que estava mais do que convencida de que eu havia de deixar muito bem por fazer tudo o que deveria fazer.

Receio ter desmentido metade da profecia dessa querida anciã. Que me valham os Céus! Fiz muitas coisas que não devia ter feito, não obstante a minha preguiça. Mas confirmei plenamente a exatidão do seu julgamento no que diz respeito a deixar por fazer muito do que não devia ter negligenciado. A inatividade sempre foi o meu ponto forte. Não que eu tenha qualquer mérito na questão: trata-se de um dom. Poucos o possuem. São muitos os preguiçosos e os indolentes abundam, mas um ocioso genuíno é uma raridade. Não se trata de um homem que anda por aí com as mãos nos bolsos. Pelo contrário, a sua característica mais surpreendente é o facto de estar sempre extremamente ocupado.

É impossível desfrutar devidamente o ócio, a menos que se tenha muito que fazer. Onde está o prazer de nada fazer quando não se tem nada para fazer? Perder tempo não é, afinal, mais do que uma ocupação, e uma das mais cansativas por sinal. Para que seja doce, a ociosidade, tal como os beijos, tem de ser roubada.

Há muitos anos, quando era jovem, fiquei muito doente — eu próprio nunca consegui perceber o que me afligia, a não ser que estava com uma terrível constipação. Mas imagino que fosse algo de muito grave, pois o médico disse-me que o devia ter procurado um mês antes, e que se (o que quer que aquilo fosse) tivesse durado mais uma semana, ele não teria respondido pelas consequências. É uma coisa extraordinária, mas nunca conheci um médico que, chamado à cabeceira de um doente, não afirmasse que mais um dia teria tornado a cura impossível. O nosso guia médico, filósofo e amigo é como o herói de um melodrama: entra sempre em cena mesmo, mas mesmo, em cima da hora. É a Providência, é o que é.

Bem, como estava a dizer, eu encontrava-me muito doente e fui enviado para Buxton durante um mês, com ordens estritas para não fazer nada durante todo o tempo que lá estivesse. «Repouso é o que o senhor precisa», disse o médico, «repouso absoluto».

Parecia-me uma perspectiva encantadora. «Este homem, evidentemente, compreende o que me apoquentas», disse eu, e imaginei para comigo uma temporada gloriosa — quatro semanas de *dolce far niente* com apenas uma pitada de maleita. Não muita, apenas a suficiente — apenas a suficiente para lhe dar o sabor do sofrimento e torná-la poética. Eu devia levantar-me tarde, bebericar um pouco de chocolate e tomar o meu pequeno-almoço em chinelos e roupão. Devia deitar-me no jardim numa rede e ler romances sentimentais com um final melancólico, até que os livros me caíssem da mão apática, e devia ficar ali, reclinado, a contemplar sonhadamente o azul profundo do céu, observando as nuvens felpudas a flutuar quais navios de velas brancas nas suas profundezas, e ouvindo o canto alegre dos pássaros e o discreto sussurrar das árvores. Ou, ao dar por mim demasiado

fraco para me aventurar fora de portas, devia sentar-me recostado em almofadas junto à janela aberta, na fachada do rés do chão, e parecer exausto e interessante, para que todas as raparigas bonitas suspirassem ao passar.

E devia descer duas vezes por dia numa cadeira de rodas até à Colunata para beber as águas. Ah, aquelas águas! Eu não sabia nada sobre elas na altura, e fiquei bastante impressionado com a ideia. «Beber as águas» soava a algo na moda e muito Queen Anne, e pareceu-me que havia de gostar delas. Mas, argh! passadas as primeiras três ou quatro manhãs! A descrição que Sam Weller faz delas, como «possuidoras de um sabor a ferro de engomar quente», apenas nos transmite uma vaga ideia da sua nauseante repugnância. Se alguma coisa era capaz de fazer com que um doente ficasse bom num instante, seria o conhecimento de que teria de beber um copo das ditas águas todos os dias até que recuperasse. Eu bebi-as puras durante seis dias consecutivos e quase me mataram, mas depois disso adotei o plano de tomar um bom copo de conhaque com água imediatamente a seguir e foi grande o alívio que nele encontrei. Fui desde então informado, por diversos e eminentes senhores médicos, de que o álcool deve ter neutralizado por completo os efeitos das propriedades ferruginosas presentes na água. Dou-me por contente por ter tido a sorte de ter dado com a coisa certa.

Mas «beber as águas» foi apenas uma pequena parte da tortura pela qual passei durante aquele mês memorável — um mês que foi, sem exceção, o mais desgraçado que alguma vez passei. Durante a melhor parte do mesmo, segui religiosamente as ordens do médico e não fiz rigorosamente nada, a não ser limitar-me a vaguear pela casa e pelo jardim e sair duas horas por dia numa cadeira de rodas. Esta última parte sempre quebrava a monotonia, até certo ponto. Existe mais animação num passeio de cadeira de rodas — especialmente se não estivermos acostumados ao exercício estimulante — do que poderá parecer ao observador casual. Uma sensação de perigo, que o mero observador pode não detetar, está sempre presente na mente do ocupante da dita cadeira. Ele passa cada segundo convencido de

que toda aquela geringonça vai capotar, uma convicção que se torna particularmente vívida sempre que se torna visível uma vala ou um troço de estrada recém-macadamizado. De cada vez que se cruza com um veículo, ele fica à espera da colisão; e nunca dá por si a subir ou a descer uma colina sem que comece de imediato a especular sobre as suas hipóteses de escapar, não se vá dar o caso — como parece bastante provável — de o frágil controlador do seu destino o deixar ir.

Mas nem mesmo esta diversão me conseguiu animar passado algum tempo e o *ennui* tornou-se perfeitamente insuportável. Senti a minha mente ceder sob o seu peso. Não se trata de uma mente robusta, pelo que considere ser imprudente sobrecarregá-la em demasia. Assim sendo, por volta da vigésima manhã, acordei cedo, tomei um bom pequeno-almoço e tratei de marchar rumo a Hayfield, uma agradável e movimentada vilazinha no sopé do Kinder Scout à qual se chegava por meio de um vale encantador. O vilarejo contava com duas mulheres docemente encantadoras; pelo menos, eram docemente encantadoras na época. Uma cruzou-se comigo na ponte e, assim me pareceu, sorriu; a outra estava de pé diante de uma porta aberta, investindo a fundo perdido um sem-fim de beijos num bebé de bochechas coradas. Mas já faz anos, e ousou dizer que ambas se terão tornado encorpadas e mal-humoradas desde então. Já no meu regresso, dei com um ancião a partir pedra, e aquilo despertou em mim um desejo tão forte de usar os braços que lhe ofereci uma bebida para que me deixasse tomar-lhe o lugar. Tratava-se de um ancião generoso e fez-me a vontade. Atirei-me àquelas pedras com a energia acumulada de três semanas e fiz mais trabalho em meia hora do que ele durante todo o dia. Mas não se mostrou ciumento.

Tendo dado o primeiro passo, fui-me desviando cada vez mais do bom caminho, saindo para uma longa caminhada todas as manhãs e ouvindo a banda no coreto todas as noites. Não obstante, os dias continuavam a passar com lentidão e dei por mim muito feliz quando o último chegou e o comboio tratou de me levar da gotosa e tuberculosa Buxton para Londres com a

sua vida e trabalho incessantes. Olhei pela janela da carruagem enquanto atravessávamos rapidamente Hendon já noite feita. O clarão acobreado que pairava sobre a poderosa cidade parecia aquecer-me o coração e quando, mais tarde, o meu fiacre partiu ruidosamente da estação de St. Pancras, aquele velho e familiar ruído que me foi envolvendo pareceu-me a música mais doce que me era dada a ouvir passados muitos e longos dias.

Aquele mês de ociosidade não me proporcionou decididamente nenhum prazer. Gosto de me entregar ao ócio quando não devia estar ocioso; não quando se trata da única coisa que tenho para fazer. É a minha natureza obstinada. É quando a minha secretária está repleta de cartas cuja resposta tem de seguir na próxima mala do correio que eu mais gosto de dar as costas à lareira e calcular a quanto montam as minhas dívidas. É quando tenho uma longa noite de trabalho pela frente que mais gosto de me demorar a jantar. E se, por algum motivo urgente, tenho de me levantar particularmente cedo pela manhã, é então, mais do que em qualquer outra altura, que gosto de me deixar ficar mais meia hora na cama.

Ah! Como sabe bem virar-me para o lado e voltar a adormecer: «só uns cinco minutos». Existe algum ser humano, pergunto eu, além do herói dos «contos para rapazes» da catequese dominical, que se levante de boa vontade? Há alguns homens para os quais acordar à hora devida é uma impossibilidade absoluta. Se for às oito horas que eles se devem levantar, então, deixam-se ficar até às oito e meia. Se as circunstâncias mudarem e as oito e meia passarem a ser suficientemente cedo, então, já hão de ser nove horas antes que eles se consigam levantar. São como aquele estadista a respeito do qual se dizia que estava sempre pontualmente meia hora atrasado. Experimentam todo o género de estratagemas. Compram despertadores (engenhosas engenhocas que tocam à hora errada e alarmam as pessoas erradas). Dizem à Sarah Jane que lhes bata à porta e que os chame, e a boa Sarah Jane bate-lhes à porta e chama-os, ao que eles resmungam um «já ouvi» e depois voltam a adormecer confortavelmente. Conheci um homem que chegava ao ponto de sair da cama e tomar um banho

frio, sendo que nem mesmo isso adiantava, visto que depois voltava para a cama para se aquecer.

Quanto a mim, penso que seria capaz de me aguentar fora da cama se de lá chegasse a sair. É o arrancar a cabeça do travesseiro que me é particularmente penoso, sendo que não há quantidade de boas resoluções noturnas que o torne mais fácil. Depois de não ter aproveitado toda uma noite, digo a mim mesmo: «Bem, já não vou adiantar trabalho esta noite; amanhã de manhã, levanto-me cedo». E estou total e absolutamente decidido a fazê-lo... naquela altura. Chegada a manhã, porém, sinto-me menos entusiasmado com a ideia e penso que teria sido muito melhor se tivesse passado a noite anterior a pé. E depois há toda a maçada de nos vestirmos, e, quanto mais pensamos nisso, mais nos apetece adiar.

É uma coisa estranha a cama, esta imitação de sepultura, onde esticamos os nossos membros cansados e nos deixamos afundar tão docemente no silêncio e no descanso. «Ó cama, ó cama, cama deliciosa, esse paraíso na Terra para a cabeça fatigada», como cantava o pobre Thomas Hood, és uma boa e velha ama para nós, meninos e meninas inquietos. Quer sejamos inteligentes ou tolos, travessos ou bonzinhos, recibes-nos no teu colo maternal e calas o nosso choro teimoso. O homem forte cheio de consumições, o homem doente cheio de dores, a pequena donzela que chora pelo seu amor que não lhe sabe ser fiel: deitamos como crianças as nossas cabeças doridas no teu seio branco e tu embalas-nos docemente até que o sono venha.

É muito o que sofremos quando nos viras as costas e nos recusas o teu consolo. Quanto parece tardar a alvorada quando não conseguimos dormir! Oh! Aquelas noites horríveis em que nos reviramos de febre e de dor, quando ali ficamos, quais vivos entre os mortos, com os olhos postos nas horas escuras que passam tão lentamente entre nós e o dia. Piores ainda são aquelas noites que passamos sentados à cabeceira de um doente, quando as chamas já mortíferas nos sobressaltam ocasionalmente com a queda de uma brasa, e o tique-taque do relógio parece um martelo que marca, naquele por quem velamos, o ritmo de uma vida que se esvai.

Mas basta de camas e de quartos de dormir. Já passei neles demasiado tempo, mesmo para um ocioso. Vamos antes até lá fora fumar um pouco. Também é uma maneira de desperdiçar tempo e não parece tão mal. O tabaco tem sido uma verdadeira bênção para nós, os ociosos. É difícil de imaginar o que, antes do tempo de Sir Walter Raleigh, os funcionários do serviço público fariam para ocupar a mente. Atribuo a natureza conflituosa dos mancebos da Idade Média à ausência desta planta calmante. Sem trabalho para fazer e sem saber o que era fumar, passavam o seu tempo em brigas e pancadaria. Se, por algum extraordinário acaso, não houvesse nenhuma guerra em curso, davam-lhes para inventar uma mortífera disputa entre famílias com o vizinho do lado, e se, mesmo assim, ainda davam por si com alguns momentos livres nas mãos, tratavam de os ocupar com discussões sobre qual amada era a mais bonita, os argumentos empregados por ambos os lados sendo as achas d'armas, clavas, etc. As questões de gosto eram rapidamente decididas naqueles tempos. Quando se apaixonava, um mancebo do século XII não dava três passos atrás antes de dizer à sua amada, olhando-a nos olhos, que ela era demasiado bela para viver. Não, ele dizia que ia até lá fora resolver o assunto. E se, quando o fazia, se cruzava com um homem e lhe rachava a cabeça, então, isso era a prova de que a sua amada — a do primeiro, entenda-se — era uma rapariga bonita. Mas se o outro sujeito rachasse a cabeça dele — não a sua, claro está, mas a do outro — do outro em relação ao segundo sujeito, quero eu dizer, porque é claro que o outro seria apenas o outro sujeito para ele, não para o primeiro que — bem, se ele lhe rachasse a cabeça, então, a *sua* amada — não a do outro sujeito, mas a do sujeito que *era* o... A ver se nos entendemos: se A rachasse a cabeça de B, então, a amada de A era uma bela donzela; mas se B rachasse a cabeça de A, então, a amada de A não era assim tão bonita, contrariamente à amada de B. Era este o método que empregavam para uma crítica de arte que nada tinha de construtiva, bem antes pelo contrário.

Hoje em dia, fumamos uma cachimbada e deixamos que as donzelas se desenvencilhem.

E elas desenvencilham-se bastante bem. Estão a conseguir dar conta de todo o nosso trabalho. Agora são médicas, advogadas e artistas. Administram teatros, promovem trifulhices e editam jornais. Estou ansioso para que chegue o dia em que nós, homens, não tenhamos nada que fazer a não ser ficar na cama até ao meio-dia, ler dois romances por dia, tomar um belo chá das cinco só entre nós e sobrecarregar o nosso cérebro com nada mais difícil do que conversas sobre os últimos modelos de calças e discussões sobre o tecido do casaco do Sr. Jones e se o dito casaco lhe assentava bem. É uma perspectiva gloriosa — para os preguiçosos.

*É impossível desfrutar devidamente o ócio,
a menos que se tenha muito que fazer.
Onde está o prazer de nada fazer quando
não se tem nada para fazer? Perder tempo
não é, afinal, mais do que uma ocupação,
e uma das mais cansativas por sinal.
Para que seja doce, a ociosidade, tal como
os beijos, tem de ser roubada.*

*O leitor já esteve apaixonado,
evidentemente! Se não, há de vir a estar.
O amor é como o sarampo: algo pelo qual
todos temos de passar. Também como
o sarampo, apenas o apanhamos uma
vez. Não há que recear apanhá-lo uma
segunda. Aquele que já dele padeceu pode
entrar nos lugares mais perigosos e correr
os maiores riscos com toda a segurança.
Pode desfrutar piqueniques em bosques
sombrios, passear por áleas frondosas
e atardar-se em bancos cobertos de musgo
para ver o pôr do sol.*

O amor

O leitor já esteve apaixonado, evidentemente! Se não, há de vir a estar. O amor é como o sarampo: algo pelo qual todos temos de passar. Também como o sarampo, apenas o apanhamos uma vez. Não há que recear apanhá-lo uma segunda. Aquele que já dele padeceu pode entrar nos lugares mais perigosos e correr os maiores riscos com toda a segurança. Pode desfrutar piqueniques em bosques sombrios, passear por âleas frondosas e atardar-se em bancos cobertos de musgo para ver o pôr do sol. Uma tranquila casa de campo não lhe desperta maior receio do que o seu próprio clube. Ele pode descer o Reno num agradável cruzeiro em família. Para ver um amigo pela última vez, ousa aventurar-se nas próprias mandíbulas de uma cerimónia matrimonial. Perde a cabeça no turbilhão de uma valsa arrebatadora, sendo que em seguida descansa num obscuro jardim de inverno e não apanha nada mais duradouro do que uma constipação. Pode enfrentar um passeio ao luar por trilhos perfumados, ou um passeio de barca no crepúsculo por entre os juncos sombrios. Pode escalar um muro sem qualquer perigo, passar por cima de uma cerca emaranhada sem ficar enredado, descer um caminho escorregadio sem cair. Pode fitar olhos luminosos sem que se deixe ofuscar. Ouve as vozes das

sereias, mas segue em frente sem que o seu leme se desvie. Aperta mãos brancas entre as suas, mas nenhuma força eletromagnética o mantém preso com a sua delicada pressão.

Não, nunca padecemos de amor duas vezes. Cupido não despende uma segunda flecha no mesmo coração. As servas do Amor são nossas amigas para toda a vida. As nossas portas podem estar sempre abertas ao respeito, à admiração e ao afeto, mas o grande mestre celeste dessas ditas servas, no seu régio progresso, apenas nos faz uma visita antes de seguir viagem. Gostamos, apreciamos, estimamos, mas nunca mais voltamos a amar. O coração de um homem é um fogo de artifício que apenas uma vez na vida se eleva direito ao céu. Tal como um meteoro, ele brilha por um instante e ilumina com a sua glória todo o mundo a seus pés. Depois, a noite da nossa sórdida vida banal encerra-se à sua volta e o invólucro queimado, ao cair de volta na Terra, ali fica, inútil e ignorado, reduzindo-se lentamente a cinzas. Por uma vez, libertando-nos das amarras da prisão, ousamos, como ousou o velho e poderoso Prometeu, escalar o monte Olimpo e roubar da carruagem de Febo o fogo dos deuses. Felizes aqueles que, apressando-se a regressar antes que ele se apague, conseguem acender os seus altares terrenos com a sua chama. O amor é uma luz demasiado pura para que arda durante muito tempo entre os gases nocivos que respiramos, mas, antes que sufoque, cabe-nos usá-lo como uma tocha para acender o acolhedor fogo do afeto.

E, afinal, este brilho caloroso é mais adequado do que o ardente amor do espírito ao pequeno salão frio que é o nosso mundo. O amor devia ser o fogo vestal de um qualquer poderoso templo — de um qualquer vasto e obscuro templo cuja música é o movimento das esferas. O afeto continuará a arder alegremente quando a chama branca do amor se tiver extinguido. O afeto é um fogo que podemos alimentar dia após dia e fazer crescer à medida que os anos do inverno se vão aproximando. À volta dele, velhos senhores e velhas senhoras podem sentar-se de mão dada, as crianças podem aninhar-se, o amigo e o vizinho têm sempre um canto onde são bem-vindos, e até o peludo *Fido* e a elegante gata *Titty* podem aquecer o seu focinho diante da lareira.

Este fogo alimenta-se das brasas da sua bondade, caro leitor. Acrescente-lhe as suas palavras amáveis, a pressão suave da sua mão, os seus atos atenciosos e altruístas. Anime-o com o sopro do bom humor, da paciência e da tolerância. Poderá então deixar que o vento sopra e a chuva caia sem que dê conta deles, uma vez que a sua lareira será quente e luminosa, e os rostos à volta dela reunidos hão de resplandecer não obstante as nuvens lá fora.

Receio bem, meus caros Edwin e Angelina, que esperéis demasiado do amor. Acreditais que os vossos pequenos corações bastarão para alimentar essa paixão feroz e devoradora durante toda a vossa longa vida. Ah, jovens! Não confieis demasiado nessa chama instável. Os meses hão de passar e ela ir-se-á debilitando sem que vos seja possível acrescentar-lhe mais combustível. Furiosos e desiludidos, haveis de a ver morrer. Cada um de vós há de pensar que é o outro que vai arrefecendo. Edwin verá com amargura que Angelina já não corre, toda ela sorrisos e rubores, para o portão para o receber; e quando ele agora estiver com tosse, ela já não lhe lançará os braços à volta do pescoço, afirmando entre soluços que não é capaz de viver sem ele. Na melhor das hipóteses, talvez lhe possa sugerir uma pastilha, e até isto será feito num tom que dará a entender que, mais do que de qualquer outra coisa, é do barulho que ela se deseja ver livre.

A pobrezinha Angelina também há de verter lágrimas silenciosas, visto que Edwin já não traz o velho lenço dela no bolso interior do seu colete.

Ambos se surpreendem com o distanciamento do outro, sendo que nenhum deles vê a sua própria mudança. Se a vissem, não sofreriam tanto. Haviam de procurar a causa no seu devido lugar — na pequenez da pobre natureza humana —, juntariam forças para combater a sua falha comum e começariam a construir a sua casa de novo sobre alicerces mais sólidos e duradouros. Mas somos tão cegos aos nossos defeitos, tão atentos aos dos outros. Tudo o que nos acontece é sempre culpa do outro. Angelina teria continuado a amar Edwin para todo o sempre se Edwin não se tivesse tornado tão estranho e diferente. Edwin teria adorado

Angelina para toda a eternidade se ela tivesse permanecido tal e qual como quando a adorara pela primeira vez.

É uma hora triste para ambos quando a candeia do amor já se apagou e o fogo do afeto ainda não se encontra desperto, tornando-se necessário tactear na fria e crua madrugada da vida para o acender. Queira Deus que ele se acenda antes que o dia avance demasiado. Muitos são os que ficam sentados diante das brasas mortas até que a noite chegue.

Mas, enfim, de que adianta pregar? Quem é que, sentindo o amor jovem correr-lhe nas veias, pode imaginar que um dia ele será fraco e lento? Ao rapaz de vinte anos parece impossível que já não ame com tanto desvario aos sessenta. Não lhe vem à ideia nenhum cavalheiro de meia-idade ou mesmo idoso seu conhecido que ainda revele sintomas de um apego frenético, mas isso não interfere em nada na confiança que tem em si mesmo. O seu amor nunca conhecerá o declínio, contrariamente ao dos outros. Nunca ninguém amou como ele e, como tal, obviamente, a experiência alheia não tem como lhe servir de orientação. Infelizmente, ai dele, antes dos trinta, já se terá juntado às fileiras dos irónicos. A culpa não é dele. As nossas paixões, boas ou más, cessam com os nossos rubores. Nos nossos trinta anos, não odiamos, nem nos afligimos, nem nos alegamos, nem desesperamos como fazíamos durante a nossa adolescência. A desilusão já não nos sugere o suicídio, e bebemos o sucesso em grandes tragos sem que nos suba à cabeça.

À medida que envelhecemos, vivemos tudo num tom menor. São poucas as árias majestosas nos últimos atos da ópera da vida. A ambição encontra um objetivo menos ambicioso. A honra torna-se mais razoável e adapta-se convenientemente às circunstâncias. E o amor? O amor morre. «A irreverência pelos sonhos da juventude» depressa se insinua como uma geada letal nos nossos corações. Os tenros rebentos e as flores que desabrocham são cortados e fenecem, e da videira que almejava estender as suas gavinhas à volta do mundo resta apenas um toco ressequido.

Tudo isto não passa de uma heresia, hão de pensar, sei-o bem, as minhas belas amigas. Longe delas a ideia de que um homem

não seja capaz de amar uma vez passada a adolescência; pelo contrário, é só quando as cãs já lhe abundam na cabeça que elas consideram as suas declarações merecedoras de alguma atenção. A ideia que fazem do nosso sexo, essa, as raparigas vão buscá-la aos romances escritos por elas mesmas, e, comparados com os monstros que passam por homens nas páginas dessa literatura de pesadelo, o pássaro depenado de Pitágoras e o demónio de Frankenstein constituem espécimes medianos da nossa espécie.

Nestes alegados livros, o grande amante, ou deus grego, assim é referido com toda a admiração — aliás, nunca se torna claro com qual «deus grego» o cavalheiro em questão apresenta uma tão impressionante semelhança: pode ser o corcunda Vulcano, ou Jano com as suas duas caras, ou até Sileno, o deus dos mistérios obscuros. À semelhança de todos eles, todavia, estamos na presença de um canalha, o que talvez justifique a comparação. Não obstante, ele não pode sequer almejar à ínfima virilidade que os seus protótipos clássicos possuíam, uma vez que não passa de um simplório efeminado e apático, já mais perto dos cinquenta do que dos quarenta. Mas, oh! As emoções deste velhadas parecem tão intensas e profundas aos olhos de uma qualquer menina de escola! Escondam a cara, jovens Romeus e Leandros! Este velho *blasé* ama com um fervor histérico que nunca menos de quatro adjetivos para cada substantivo podem descrever adequadamente.

Mas é melhor para nós, velhos pecadores, que vos fiquéis pelo estudo dos livros. Caso vos desse para ler a Humanidade, caras senhoras, ficaríeis a saber que a tímida gaguez do rapaz conta uma história mais eloquente do que a nossa ousada verborreia. O amor de um rapaz vem de um coração pleno; o de um homem resulta com mais frequência de um estômago bem cheio e o seu lento fluir não merece que lhe chamem amor, quando comparado com a fonte que brota quando o coração de um rapaz é atingido pelo raio celeste. Se pretendes provar o amor, bebei da corrente pura que a juventude derrama a vossos pés. Não fiquéis à espera até que se torne um rio lamacento para, só então, vos debruçardes e lhe capturardes as vagas.